

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Especial
Volume 15, Número 3, set./nov. de 2021
Submetido em: 29/07/2021
Aprovado em: 21/08/2021

O “espetáculo da vida vivida” e a história como vir a ser

The "lived life's spectacle" and the history as it becomes

El "espectáculo de la vida vivida" y la historia como devenir

Marialva BARBOSA¹

Resumo

Este ensaio tem por objetivo refletir sobre o cotidiano enredado nas afetações do presente, a partir da articulação entre o cotidiano como espetáculo vivido e a história na dimensão do que poderia ter sido e não como o realizado do passado. Trata-se de uma história do provável em que a dimensão da vida vivida permite articular outros caminhos de possibilidades.

Palavras-chave: Mídia. Cotidiano. História.

Abstract

This essay aims to reflect on the daily life entangled in the affectations of the present, from the articulation between the daily life as a lived spectacle and history in the dimension of what could have been and not as what happened in the past. It is a story of the probable in which the dimension of lived life allows the articulation of other paths of possibilities.

Keywords: Media. Everyday life. History.

Resumen

Este ensayo pretende reflexionar sobre la cotidianeidad enredada en las afectaciones del presente, desde la articulación entre la cotidianeidad como espectáculo vivido y la historia en la dimensión de lo que pudo haber sido y no como lo ocurrido en el pasado. Es una historia de lo probable en la que la dimensión de la vida vivida permite la articulación de otros caminos de posibilidades.

Palabras clave: Medios de comunicación; la vida cotidiana; Historia.

¹ Professora titular da Escola de Comunicação da UFRJ. E-mail: marialva153@gmail.com. ORCID [0000-0001-8875-7128](https://orcid.org/0000-0001-8875-7128)

Introdução

Este ensaio tem por objetivo refletir sobre o cotidiano enredado nas afetações do presente histórico a partir de aspectos que pontuamos em breve fala quando do lançamento do livro *Mídia e Cotidiano: uma cartografia de pesquisas* (2021), organizado por docentes do Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense.

A ocasião permitiu pensar, ainda que rapidamente, na relação entre cotidiano e história, ou seja, o que Agnes Heller denomina com propriedade e poesia “espetáculo da vida vivida”, introduzindo possibilidades utópicas neste percurso. É, portanto, no sentido de ampliar aquelas reflexões que o texto se desenvolve.

O impacto de estarmos num mundo que, desde a eclosão da pandemia em 2020, não cessa de se transformar radicalmente diante de nós, em todas as dimensões da vida, foi o motivador para esta escrita que articula duas questões: o cotidiano como espetáculo vivido e a história na dimensão do que poderia ter sido e não como o realizado do passado. Uma história do provável em que a dimensão da vida vivida permite articular outros caminhos de possibilidades. Neste sentido, há que incluir o ficcional do futuro na narrativa sobre o passado, desarticulando fatos conhecidos e permanentemente reinterpretados, abrindo possibilidades ao “poderia ter sido” da vida dos homens do passado. Assim, permitimos a eles no futuro reescrever suas próprias vidas, como possibilidade, fazendo emergir, a partir de altas doses de imaginação, o passado como outro possível do futuro. Trilhas do provável abrem-se para esses homens e mulheres, numa história que permite novas e imaginativas articulações narrativas.

Cotidiano em dois tempos

Num denso livro, em que apresenta em capítulos “uma filosofia da história em fragmentos”, Agnes Heller define o que ela denomina “espetáculo da história vivida” (1999, p. 59). Logo no início do texto, chama a atenção a afirmação de que contemplamos sempre os espetáculos por janelas que permitem olhares direcionados para o mundo lá fora. Mas estes mesmos espetáculos, acrescenta a autora, também podem ser vistos nas cadeiras dos teatros e diante da tela dominante quando ela escreveu o texto, a televisão.

Nas janelas físicas que descortinam o mundo lá fora ou nas cadeiras fixas dos ambientes que permitem a eclosão da imaginação como complemento do texto encenado há sempre um mundo fora de nós que permite a ampliação de um mundo que está contido em nós mesmos.

Essas janelas apresentadas pela autora na sua argumentação para tecer considerações que articulam história vivida, utopia, apocalipse e marcha fúnebre, obrigam-nos a pensar nesses tempos pandêmicos em que olhávamos todos pelas janelas em busca de frestas de vida, impedidos que estávamos (e ainda estamos) de experimentar o mundo lá fora. Nos primeiros meses de 2020, as janelas tornaram-se síntese de possibilidade de o presente ser vivido como desejo de futuro.

Por essas janelas físicas e midiáticas víamos em nossas vidas cotidianas o “espetáculo vivo”. O envolvimento produzia uma espécie de suspensão do tempo das recordações, mas ainda que aplacadas não seriam descartadas. Afinal, a recordação, diz Heller, permite a reunião dos relatos do passado, conectando-os, alijando-os da dispersão e tornando-os novamente inteligíveis (HELLER, 1999, p. 59).

Foi assim que acionamos também relatos de um passado que pareciam perdidos numa memória adormecida e acomodada, mas que num istmo eclodiu sob a forma narrativa. E foi assim que a influenza espanhola passou a ser referida sem cessar: em reportagens nos jornais, em textos acadêmicos, em crônicas, em imagens múltiplas nos aparelhos de visualidades contemporâneos. Era como se acionando este passado pudesse ser criado para o presente a possibilidade de ultrapassar o tempo vivido em direção a um futuro restaurador.

Também aqueles que fazem das problematizações da história lugares reflexivos privilegiados na interpretação de mundos, acionaram as imagens antigas das pestes que assolavam as cidades brasileiras no início do século XX. As comparações entre esses dois momentos – 1918 e 2020 – passaram a ser quase inevitáveis (MAUAD, 2020; BARBOSA, 2020). A sucessão de fatos que se repetiram, as informações falsas sobre aspectos da pandemia, os remédios milagrosos, a sua “benignidade”, o descrédito na ciência apareciam como discursos do passado que novamente assombravam o presente. No passado, como no presente, as consequências pela opção do desprezo da ciência se tornaram visíveis em imagens duradouras que, apesar das particularidades, eram

profundamente semelhantes: multidões nas ruas em busca de auxílio para poderem sobreviver, corpos insepultos em valas públicas, caminhões repletos de mortos. A história, tal como disse Karl Marx (2011) na abertura de *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, de 1852², se repete, ora como tragédia, ora como farsa.

Ao escrever um epílogo para a obra de Marx, na edição do livro de 1965, Herbert Marcuse, tendo conhecido o horror e o desfecho dos períodos fascista e pós-fascista que Marx evidentemente não conhecera, corrigiu as sentenças introdutórias de *O 18 de Brumário* dizendo: “Os fatos e personagens da história mundial que ocorrem, por assim dizer, duas vezes, na segunda não ocorrem mais como farsa. Ou melhor: a farsa é mais terrível do que a tragédia a qual ela segue” (MARCUSE, 2011, p. 9).

Ao falar das possibilidades utópicas e urdidas no cotidiano, Agnes Heller, responsável por uma definição de cotidiano de uma simplicidade estonteante que a torna absolutamente concreta, afirma que quando os homens e mulheres se elegem a si mesmos no sentido existencial, elegem a si mesmos tal como são, junto com todos os seus talentos e debilidades, também elegem sua família, sua casa, sua idade e, sobretudo, o mundo que o rodeia. Só se chega a ser aquele que é, através destas escolhas. Eleger o mundo encerra a resolução de se amalgamar com ele, em vez de simular estar vivendo numa torre de marfim.

Diz ela, citando Walter Benjamin: “o sujeito da história são os oprimidos e não a humanidade”. A dignidade do sujeito da história pode tornar mais suportável a escravidão do escravo e mais fácil o trabalho desumano. E continua: “mas as vítimas do Apocalipse paródico não eram sujeitos da história”. Não eram a humanidade e nem foram tratadas como humanos. Foram varridas “pela violência e sequer foram úteis para ocupar o lugar dos oprimidos” (HELLER, 1999, p. 107).

No momento em que impactados pela tragédia humana, que ceifa vidas de forma irreparável, em função de atos que atestam a desumanidade, como o desapareço dos que

2 Na obra, Marx (2011) analisa o golpe de Estado que Luís Bonaparte desferiu na França em 2 de dezembro de 1851 e, com base no exemplo francês, aborda a questão da luta de classes como motor da história. A frase de Marx, logo na abertura do texto, é: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa” (Ibidem, p. 25).

se encerram em torres de marfim para ficarem cada vez mais distantes da vida humana e da humanidade, as palavras de Heller soam com uma contundência irretocável. No mesmo texto, dá pistas de como **no e com o cotidiano** podemos ultrapassar feridas abertas num presente que irremediavelmente será um passado histórico profundo, duradouro e que deixará marcas para o futuro. O cotidiano se urde, portanto, de uma temporalidade que relaciona o passado permanentemente reinterpretado, mas que pode igualmente acioná-lo como um vir a ser, permitindo restaurá-lo como possibilidade urdida em trilhas prováveis da existência humana.

Portanto, o primeiro tempo cotidiano ao qual gostaria de me referir é exatamente o que emerge da obra de Heller, ou seja, como um ato do indivíduo particular e genérico como expressão do homem em busca de sua humanização. Claro que o indivíduo a que a pensadora se refere não é abstrato ou excepcional: é apenas o homem vivendo sua própria vida e nela escavando possibilidades de viver e sobreviver. Nesse movimento de produzir a existência como ato duradouro, aciona uma memória que revela escombros, ruínas, processos de desintegração, fazendo dela testemunho de passado, num espaço temporal construído de coisas desconhecidas, mas sempre disponíveis num processo de reconstituição inventiva. Como tragédia, como farsa, mas também como possibilidade de restauração duradoura do passado no futuro.

Já o segundo tempo cotidiano é aquele que convoca a relação mídia-cotidiano. Se considerarmos que a produção de sentidos se faz intrinsecamente em teias múltiplas de expressão encravadas em formas de vida, cotidiano-mídia formam um acoplamento teórico que inviabiliza o uso de conectores. Estamos, portanto, afirmando que as relações cotidianas são atravessadas no contemporâneo pela dimensão midiática revelando o amálgama entre vida-mídia de tal forma que mídia e cotidiano se tornam mídia-cotidiano. Os vínculos se produzem na dimensão de uma existência vivida como mídia, tanto do indivíduo particular, como do ser genérico. Espaço de realização e de intervenção é no cotidiano que a vida se faz e se revela permitindo perceber modos de luta, formas de transformações, acoplamentos complexos da existência. A comunicação como ciência do comum, como lugar de formação e experimentação de vínculos (SODRÉ, 2014), emerge em territórios múltiplos de significações nos quais os processos de midiatização permitem compreender múltiplas experiências.

A farsa nos tempos sombrios

A farsa insinua-se, nos tempos contemporâneos, na maneira como se procura desacreditar todos os discursos fundados no conhecimento, na ciência, no jornalismo, na história, ou seja, aqueles que, na longa modernidade, foram construídos como enunciadores da verdade. Agora, incrédulos, vemos a multiplicação de projetos, discursos, ações no sentido de referendar crenças vazias

Vivemos “tempos sombrios” (Arendt, 2008). Tempos de destruição que se mimetizam em uma pandemia que nos enviou para um mundo virtual, pelo qual estávamos sendo capturados e, definitivamente, fomos. Para o mundo da ausência na presença, em que já vivíamos, muitas vezes sem nos darmos conta. Vivíamos já a virtualidade absoluta e, quando fomos obrigados inteiramente a ela, quisemos sair dela para o mundo lá fora. Mas o mundo lá fora, tal como o conhecemos, já não mais existe.

Vivemos tempos sombrios. Abduzidos pelo digital, perdemos a chance de viver a vida vivida? E no fora e dentro da virtualidade da vida cotidiana temos ainda os tempos da destruição dos direitos, da negação do outro, das intolerâncias, da dominação das mentes e do controle dos corpos. Nessa complexa conjuntura em que a democracia se encontra em crise, em que o poder se dissociou do saber e a sociedade revela uma convulsão discursiva antagônica, a verdade passou a ser confrontada com os valores e com as crenças, construindo o confronto como norma e uma crise em torno do valor de verdade. A tragédia volta transformada em farsa nesses tempos sombrios.

Ao definir o século XX como “tempos sombrios”, Hannah Arendt (2008) explicava que o epíteto não fora escolhido com o objetivo de qualificar “as monstruosidades” daquele século, que, de fato – constatava ela – “constituem uma horrível novidade” (Arendt, 2008, p. 8). Ao fazer tal alusão, estava pensando nos horrores que a “era da guerra total” do breve século XX produziu. Um breve século, que na lúcida periodização proposta por Eric Hobsbawm (1994) vai de 1914 até o fim da era soviética, no início dos anos 1990.

Ao contrário do “longo século XIX”, que pareceu ter sido, segundo Hobsbawm (1994, p. 23), “um período de progresso material, intelectual e moral quase ininterrupto”, no qual podemos observar a melhoria das condições de vida, houve a partir de 1914 a regressão generalizada em direção a uma vida pior. A destruição dos mecanismos que

vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas é um dos fenômenos mais característicos, maléficos e tristes do fim do século XX. Vive-se uma espécie de presente contínuo (o tempo passando infinitamente nele mesmo), o que faz com que o passado possa ser frequentemente obliterado e esquecido.

Talvez seja por isso que, até novos tempos sombrios terem atravessado nossas vidas, a essência destruidora desse breve século XX tenha permanecido longe das nossas memórias. Dele produzimos, no século XXI, um esquecimento profundo, apagando os rastros presentes no cérebro, negando a presença de um passado traumático, cruel e violento (RICOEUR, 2008). Mesmo com a presença de todos os rastros e restos visíveis e em profusão, não cessamos de tentar produzir novos discursos em relação à sua significância. É preciso desconhecer para não reconhecer.

Fazendo um diagnóstico desse breve século XX, Hobsbawm (1994) mostra também que a uma era de catástrofe (que se estendeu de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial), se seguiram 30 anos de extraordinário crescimento econômico e transformação social, produzindo mudanças radicais na sociedade e que, talvez, não tenham semelhança com nenhum outro período tão breve. A ambos, seguiu-se uma nova era de “decomposição, incerteza e crise”. E o fim do século XX foi tomado pela melancolia.

Ou seja, o que o historiador remarca é que a cada período de desesperança, de incertezas, de ruínas corresponde, na sequência, um período de iluminação, de esperança, de certezas e de luz. Talvez os olhos habituados às sombras, como pontua Arendt (2008, p. 9), “como os nossos não saberão dizer se a luz era uma vela ou um sol resplandecente”. Mas isso pouco importa; estaremos novamente vendo a luz.

Com a mesma firmeza com que Hobsbawm (1994) afirmava no fim do século passado que sempre “haverá um futuro”, acrescentando que “a única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história” (HOBSBAWM, 1994, p. 14).

Ao qualificar os tempos sombrios, Arendt (2008) constata que, decididamente, eles não são novos nem constituem uma raridade, mas, mesmo no tempo mais sombrio, “temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e dos conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente

fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar” (ARENDR, 2008, p. 9). Ao falar das vidas de homens e mulheres, a autora mostra, em primeiro lugar, que por meio das ações humanas cotidianas efetivamente cada um de nós pode transformar a vida e o mundo. Em segundo, que como seres humanos encarnamos uma época, e, assim, podemos ser porta-vozes da história que se desenrola ante o nosso olhar. Inscritos num mesmo mundo, partilhamos a vida em experiências geracionais e devemos legar ao futuro uma nesga de esperança, mesmo que sigamos vivendo em tempos tão incertos.

Nos tempos sombrios, na avaliação da Arendt, “o mundo se torna tão duvidoso”, que as pessoas passam a viver em função das necessidades vitais e dirigem-se aos outros apelando aos companheiros “sem considerações sobre o mundo que se encontra entre eles” (ARENDR, 2008, p. 20). Será que os tempos sombrios não permitirão ver emergir – muitas vezes de forma tímida – a fraternidade e a compaixão, fazendo com que momentaneamente seja a humanidade o que importa, a natureza humana de outro igual, muito mais do que o mundo? Afinal, deixar a fraternidade aflorar é, em certa medida, deixar a luz cegar nossos olhos, ao mesmo tempo em que saímos da escuridão infinita.

Feitas essas considerações em torno da questão do cotidiano que fornece o amálgama conceitual para as considerações que estamos produzindo, passamos agora à última parte do texto que aborda o passado como probabilidade da vida vivida. Mais uma vez, a noção de cotidiano se insinua por entre as teias de significação históricas centrais nesta parte do ensaio.

O “poderia ter sido” do passado

Havia um homem chamado Severo. Ainda jovem via sua vida se desenrolar nas últimas décadas do século XIX no bairro do Engenho Novo, no Rio de Janeiro. Vivia, com o irmão, num sobrado de uma rua sem calçamento, perto da praça onde os primeiros bondes que chegaram ao lugar faziam parada final até o próximo retorno. Bem perto dali o trem, que parava na estação do Engenho de Dentro, passava de tempos em tempos produzindo ruídos. Apitos, paradas, estancadas, pessoas falando, coches passando, animais pastando, uma infinidade de sons num lugar em que a vida urbana começava a se fazer pulsante.

Um solar, dois andares, um quintal ao fundo, onde certamente pés de laranjeiras dividiam espaços com mangueiras e outras frutas que traziam sombra e barulhos dos sons vibrando nos galhos e folhas das árvores quando o vento se fazia mais forte.

A vida cotidiana de Severo se repetia todos os dias. Acordava cedo, era obrigado a fazer vários serviços na casa, sempre com hora marcada, ordem programada, sem possibilidade de recusa. Mas aquele dia seria diferente.

O final da tarde fazia pressentir a noite e Severo tinha acabado o seu serviço diário e se preparava para descansar. Veio então a ordem: que fosse socar um pouco de café. Severo se recusou e dirigiu a Rosinda Lucinda Fernandes palavras que foram qualificadas como “menos convenientes”. Com raiva, Rosinda “deu-lhe com um bambu algumas pancadas”. Severo calou-se e calado dirigiu-se ao seu quarto. Poucos instantes depois, seu irmão a abordou nervoso, pedindo que ela se escondesse, “porque Severo estava carregando a espingarda para matá-la”.

Severo era o Escravo Severo, que naquele dia 22 de julho de 1883 se revoltou contra mais uma ordem, contra mais uma pancada e reagiu. O que aconteceu com Severo? De fato, ele carregou sua espingarda, saiu furioso para o quintal, subiu no telhado para arrancar as telhas e lá do alto mesmo descarregar a arma contra Rosinda. Uma fúria insana que encobria anos de cativo, de palavras injuriosas, de gestos infames.

Quando escutou o barulho das telhas sendo arrancadas, Rosinda correu para o quintal, mas ao abrir a porta lá estava Severo que desfechou contra ela a arma, ferindo-a nas pernas. “Estes fatos deram-se das 7 às 9 horas da noite, na casa da residência da vítima, a rua do Engenho de Dentro, na freguesia do Engenho Novo”, escreveu o jornalista anônimo na notícia publicada na primeira página da *Gazeta de Notícias* em 14 de outubro de 1884.

A vida vivida de Severo, do escravo Severo, só pode ser remontada a partir do que estamos denominando o “poderia ter sido” do passado, que permite na sanha reconstrutora de um tempo que não mais existe imaginar cenas, reconstruir cenários, escutar sons, ver gestos e buscar em elementos esparsos a expressão da vida vivida de personagens anônimos. Como personagem anônimo, também Severo não deixou uma vida registrada em traços guardados nos arquivos ou gestos de sua fala imortalizados em nuances comunicacionais. Tudo o que sobrou foi uma notícia caracterizando-o como

facínora, cínico, mal-agradecido, já que tinha sido sempre “tratado com carinho” por sua senhora. Mas o gesto e a fúria de Severo provam o contrário.

A possibilidade de reconstruir a vida do Escravo Severo a partir desta pequena nota que saiu publicada num jornal de grande circulação na cidade, permitindo, quem sabe, escrever uma biografia improvável sobre este personagem do passado – síntese de tantos outros – indica a possibilidade de ver o passado como sendo da ordem das probabilidades e dos gestos da imaginação historiadora. Instaure o poder de ter sido do passado, permitindo que, no futuro, uma biografia improvável possa ser escrita de homens e mulheres que construíram uma vida vivida, permanentemente apagada como possibilidade histórica.

Cabe também uma breve alusão à notícia publicada e que permitiu ao escravo Severo ganhar novamente vida, nesta narrativa que agora, por exemplo, construímos. Ao figurar sob a forma de inscrição num periódico, na sua primeira página, criou-se a possibilidade da edição daquele jornal se transformar num arquivo que deve ser olhado a partir da lógica da alteridade. Ao mesmo tempo, em que a inclusão da informação ornada por elementos narrativos atira a atenção do leitor do futuro, transformando-a em algo próximo, a caracteriza, também, como algo profundamente diferente na nossa atualidade. Como diz Foucault a “orla do tempo que cerca nosso presente, que o domina e que o indica em sua alteridade; é aquilo que, fora de nós, nos delimita” (FOUCAULT, 2008, p.148). Nesse sentido o arquivo jornal que permite a inscrição e a releitura da vida cotidiana de Severo como vida imaginada produz a alteridade do presente em relação a um passado profundamente diferente do agora absoluto. Severo, ainda que próximo, estará sempre fora do nosso tempo, mostrando que houve um tempo, em que alguém, um homem estava lá, mas não está mais. Ainda que sua vida possa permanecer durando como numa espécie de dívida que temos em relação aos gestos comunicacionais cotidianos desses homens e mulheres.

Do crime de Severo, pode-se, pois, chegar ao processo. Do processo ao julgamento. Afinal, a notícia informa o nome do advogado: Joaquim Caetano. Temos o nome do escravo, temos o nome da sua “dona”, temos o nome do advogado. Sabemos que ele confessou o crime, que foi julgado num tribunal. Podemos recuperar o processo penal guardado nos arquivos no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Podemos

também ter acesso a sua ficha prisional já que certamente, após a condenação, foi encaminhado à Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Mas podemos também caminhar em direção a outros restos de vida do escravo Severo recuperando, por exemplo, seu registro de batismo existente em alguma paróquia das freguesias da cidade. Ali estará o nome dos seus pais. Um nome simples, cuja marca identificadora que foi registrada certamente será apenas a do porto africano de origem. Mas sempre ficarão vácuos: que vida tinham os pais ou os avós de Severo antes de aportar no Brasil a bordo de um navio negreiro? Como ele foi parar na casa de Rosinda? Porque ele e o irmão ficaram juntos, o que absolutamente não era usual numa sociedade que fazia da separação familiar o mote principal para a dominação?

Se as perguntas da vida prática são quase impossíveis de serem recuperadas, a vida vivida de Severo pode ser imaginada e reconstruída em teias de significações que existem e perduram do passado até o futuro. São passados possíveis que emergem, então, reconstruindo uma vida como possibilidade.

Assim, os sons que Severo escutava diariamente, o aspecto da rua e os barulhos do entorno podem ser imaginados (o trem parando na estação e o bonde fazendo a curva na praça), até mesmo os cheiros das árvores frutíferas que davam sombra no quintal. Severo ganha vida, ganha nome, ganha conjuntividade (HELLER, 1993), um traço de existência duradoura através de uma história que procura nos vestígios resistentes de um passado a possibilidade de reescrever, no futuro, vidas possíveis, mas improváveis.

Improváveis em duas dimensões: na primeira, por ser absolutamente impossível querer provar a existência de um único passado, já que este está sempre submetido a um regime de possibilidades, nos quais o ato interpretativo configura o ato imaginativo, enxertando nos rastros deixados probabilidades e nunca provas indeléveis; na segunda, porque será sempre também da ordem do improvável, como impossibilidade, o reordenamento cotidiano da vida vivida de Severo. Os traços que o passado deixou – o trem que lá parava, a imagem da rua sem calçamento, a visão do bonde na praça, os anúncios da venda de sobrados no bairro descrevendo minuciosamente as casas – permitem construir um provável, mas que no caso da vida de Severo será sempre o imaginável.

Incluindo o ficcional do futuro na narrativa sobre o passado, abrindo possibilidades ao “poderia ter sido” da vida desses homens, damos a eles a chance de reescrever suas próprias vidas como possibilidade de driblar os múltiplos esquecimentos a que estiveram sempre submetidos. Como dissemos no início do texto, trilhas do provável abrem-se, então, para esses homens e mulheres, numa história que permite sempre novas e imaginativas articulações narrativas.

Considerações finais

Agnes Heller ao refletir sobre o Apocalipse criado durante a II Guerra Mundial, quando foram levados milhares de homens e mulheres a uma morte massiva que os dizimou nas câmaras de gás, mas também a tiros, afirma que “nenhuma marcha fúnebre rodeia o féretro das vítimas do Apocalipse criado pelo homem” (HELLER, 1999, p. 106).

Diz ela:

Elas não têm nenhum féretro, nem sequer um ataúde ou um sepulcro (...). Não foram eleitas uma por uma como individualidades. Nem sequer teve lugar para elas o oposto do Dia do Juízo Final: não houve justiça, nem injustiça. Pois, sem critérios, não há nem justiça, nem injustiça; não há superação da violência pura (...) foram privadas de suas vidas, mas também de suas mortes, do significado da vida e do significado da morte”. (Ibidem, p. 106).

E conclui: quando a vítima é privada do significado da sua vida, mas não do significado da sua morte, a ela dedicamos uma marcha fúnebre. “Pois, uma marcha fúnebre convém a uma vítima que foi escolhida pessoalmente e que resistiu. Porém, não é para aqueles que estamos enterrando” (HELLER, 1999, p. 106).

A pandemia do início da segunda década do século XXI é um Apocalipse criado pelo homem e como tal também para as suas vítimas resta a expressão massiva da morte, na qual túmulos enfileirados esperam corpos chegarem aos milhares, em covas rasas, coletivas, em que as homenagens não são permitidas, em que reverências e despedidas são negadas por medo do contágio. Um contágio que permanentemente nos espreita.

Vítimas do Apocalipse também a elas não são dedicadas marchas fúnebres. As vítimas da pandemia são vítimas em massa e que não podem resistir. Vítimas aleatórias de um mundo sombrio. Para elas também são negadas marchas fúnebres.

Finalizo este texto escolhendo, mais uma vez, uma bela reflexão de Hannah Arendt (2008) sobre os mortos. Quando alguém morre, diz ela, aquilo que no ser humano é, ao mesmo tempo, mais fugidio e grandioso, a palavra falada e os gestos singulares, morre com ele, e a homenagem a esses seres que amamos e se foram passa a depender exclusivamente da nossa recordação. Nos trabalhos da memória nos esforçamos para escutar novamente o som particular e peculiar daquela voz. Na recordação reestabelecemos, de certa forma, a convivência com os mortos, produzindo-se o diálogo, que os insere de novo no mundo, ou, nas palavras de Arendt (2008), “os faz ressoar de novo no mundo”. A convivência com os mortos, esse trabalho incansável dos historiadores, essa conversa infinita e permanente, precisa ser aprendida. Às vezes pelas técnicas historiadoras, mas na maior parte do tempo pela comunhão da nossa tristeza (ARENDR, 2008).

As palavras com que estabelecemos o diálogo comunicacional em presença, mesmo com a morte, continuam ecoando no mundo. Diz Arendt (1993, p. 685): “Não sabemos o que acontece quando um ser humano morre. Tudo que sabemos é que ele nos deixou. Apegamo-nos às palavras e, no entanto, sabemos que as palavras não precisam de nós”. Afinal, as palavras são o que alguém que morreu deixou para trás no mundo, são as mesmas palavras que já estavam aqui “antes que esse alguém chegasse” e que continuarão quando ele partir. No que elas se transformarão dependerá também da possibilidade de o mundo se transformar. E só com esperança, com a certeza de que podemos produzir essas mutações, colocaremos de novo em presença as vozes infinitas dos que partiram, que não ressoam mais nos nossos ouvidos, mas continuam ressoando sob a forma de lembranças. Mesmo que a eles não possamos dedicar marchas fúnebres.

Referências Bibliográficas

ARENDR, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDR, Hannah. **Correspondence**: 1926-1969. Boston: Mariner Book, 1993.

BARBOSA, Marialva. “Gripe espanhola: fluxos encadeados de memória e lapidação das lembranças”. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, vol. 14, p. 820-831, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HELLER, Agnes. **Uma filosofia de la historia en fragmentos**. Barcelona: Gedisa, 1999.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MARCUSE, Herbert. Prólogo. *In*: MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 9-16.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAUAD, Ana Maria. Flagrantes da “Hespanhola”: a epidemia de influenza na imprensa ilustrada, Rio de Janeiro, 1918. **Brasiliana**, vol. 9, n. 1, 2020.

MORAIS, Larissa et al. (org.) **Mídia e cotidiano: uma cartografia de pesquisas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.